

Debates Eleitorais em São Luís: uma análise das estratégias adotadas pelo candidato Eduardo Braide no primeiro turno das eleições 2016¹

Sammyla Diwlyenne Maciel Machado²
Elthon Ranyere Oliveira ARAGÃO³
Faculdade Estácio de São Luís, São Luís, MA

RESUMO

O presente trabalho estuda o impacto e influência que os debates políticos televisivos tiveram no resultado do primeiro turno do pleito das eleições à prefeitura de São Luís nas eleições 2016. Eduardo Braide (PMN) passou de 5% de intenção de votos para disputar o segundo turno com 21,34% dos votos válidos, surpreendendo aos institutos de sondagens, a imprensa, os eleitores, a classe política e, provavelmente, até a si próprio, que talvez imaginasse apenas estar preparando o terreno para eleições futuras.

PALAVRAS-CHAVE: política; HGPE; Eduardo Braide; debate eleitoral televisivo.

INTRODUÇÃO

Nas campanhas municipais de 2016 em São Luís a televisão teve presença marcante e foi decisiva para o resultado do pleito. Com o passar do tempo, a comunicação política foi se aprimorando e o advento da TV trouxe para um ambiente capaz de atingir o máximo de pessoas de uma só vez, a comunicação que antes era feita na rua e corpo-a-corpo. “[...] os debates, as intrigas, acusações, pedidos de votos, que eram realizados essencialmente nos palanques, agora, tem na televisão o principal canal entre os candidatos e o eleitorado” (ARAGÃO, 2010, p. 7). Por este motivo, a pesquisa, que deriva desta observação, visa estudar como os candidatos à prefeitura da capital do Maranhão usaram o espaço na TV – dando ênfase aos debates políticos – para fazer propagandas eleitorais, e de que forma isso influenciou diretamente no resultado do primeiro turno das eleições.

Dado a escolha dos candidatos⁴, iniciaram-se as disputas eleitorais por meios convencionais: comícios, panfletagem e Horário Gratuito de Propaganda Eleitoral

¹ Trabalho apresentado no IJ 8 – Estudos Interdisciplinares da Comunicação XXI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 30 de maio a 1 de junho de 2019.

² Recém-graduada em Jornalismo pela Faculdade Estácio de São Luís; Mestranda em Comunicação da UFMA. E-mail: sammylamaciel@hotmail.com

³ Orientador do trabalho. Mestre em Ciências Sociais; Doutor em Sociologia. E-mail: elthonaragao@gmail.com

⁴ Eivaldo Holanda Jr (PDT), Wellington do Curso (PP), Eliziane Gama (PPS), Fábio Câmara (PMDB), Rose Sales (PMB), Cláudia Durans (PSTU), Valdeny Barros (PSOL), Zeluis Lagos (PPL) e Eduardo Braide (PMN).

(HGPE) na TV e rádio. Até então, a disputa à prefeitura estava, aparentemente, definida e amplamente disputada apenas por Edivaldo Holanda Jr e Wellington do Curso, segundo as pesquisas de intenção de voto que apontavam a disparidade da dupla em relação aos outros candidatos. No entanto, com o início dos debates televisivos no dia 22 de setembro, vale ressaltar o impacto que eles começariam a ter durante as campanhas dos candidatos, em especial a de Eduardo Braide.

O primeiro debate foi organizado pela *TV Guará*, participariam o candidato a reeleição Edivaldo Holanda Jr, Wellington do Curso, Eliziane Gama, Fábio Câmara, Eduardo Braide e Rose Sales. Entretanto, o candidato à reeleição não compareceu e Eduardo Braide, até então candidato sem voz nas campanhas eleitorais de acordo com as sondagens, se destacou explicitamente em relação aos presentes, principalmente sobre Wellington do Curso, que se tornou o alvo principal dos adversários com a ausência do então prefeito.

No dia 27 de setembro um novo debate se realizaria pela *TV Difusora*, afiliada do Sistema Brasileiro de Televisão (SBT). Foram convidados para o debate apenas os quatro candidatos que tinham seu direito de participação assegurado por lei: Edivaldo Holanda Jr, Eliziane Gama, Fábio Câmara e Wellington do Curso. Eduardo Braide, provavelmente com a visão positiva da sua desenvoltura no último debate que gerou popularidade⁵ a ele, entrou na justiça exigindo sua participação. Após o deferimento do pedido, a *TV Difusora* cancelou o debate poucas horas antes de acontecer, argumentando que não teria tempo para estruturar a participação de mais candidatos no evento, visto que a decisão judicial estabelecia que todos os nove concorrentes participassem. O acontecimento, entretanto, gerou questionamentos, principalmente, nos *blogs* políticos da internet, onde várias teorias foram geradas em torno de que tudo não passava de uma medida para evitar desgaste do candidato à reeleição Edivaldo Holanda Jr, já que emissora é ligada a políticos do Partido Democrático Trabalhista (PDT) – administrada por Weverton Rocha, presidente do partido do candidato à reeleição.

Diante da liminar contra a *TV Difusora*, a *Mirante*, que seria a próxima emissora a transmitir um debate, deixou claro que não seria viável um encontro com nove candidatos e se precaveu determinando que o quinto participante seria aquele que

⁵ O próprio candidato Eduardo Braide, antes do último debate das eleições do segundo turno, chegou a falar em uma entrevista sobre a importância dos debates políticos. Disponível em: <<http://imirante.com/sao-luis/noticias/2016/10/28/debate-e-o-momento-mais-importante-afirma-eduardo-braide.shtml>>. Acesso em: 16 mai. 2018.

atingisse a marca de 5% nas sondagens de intenções de voto do instituto Ibope. Eduardo Braide foi o candidato que alcançara o requisito. Após a finalização do debate, e nos dois dias que se antecederam as eleições, a exibição e estratégia de Eduardo Braide fez com que as opções dos votantes fossem repensadas, o que acabou levando o candidato do Partido da Mobilização Nacional (PMN), sem relevância e reconhecimento na fase inicial das campanhas eleitorais, passar de 5% de intenção de votos para disputar o segundo turno com 21,34% dos votos válidos.

Este artigo é um recorte do trabalho de conclusão de curso intitulado “Debates eleitorais televisivos: um estudo sobre a ascensão de Eduardo Braide ao segundo turno nas eleições 2016”, em que se buscou investigar o poder dos debates na campanha eleitoral a prefeito de São Luís em 2016. Três perguntas foram respondidas ao longo da pesquisa: como os candidatos a prefeito de São Luís usaram o tempo na televisão para atingir os objetivos; como Eduardo Braide usou os debates para se destacar nas eleições e qual a influência que a *TV Mirante* teve, ao transmitir o último debate, para determinar que as pessoas votassem em Eduardo Braide para disputar o segundo turno das eleições.

Para que as problematizações fossem respondidas, os debates da *TV Guará* (Debate Guará) e *TV Mirante* foram decupados e transcritos, logo após foi feita uma análise e interpretação desses dados e dos acontecimentos dessa eleição, que com apoio de conceitos e processos históricos estudados na pesquisa bibliográfica, foram fundamentais para explicar a atuação dos concorrentes a prefeitura de São Luís no jogo político de 2016.

A propaganda eleitoral usada pela maioria, senão todos os políticos do Brasil, é o HGPE, em que é garantido aos competidores tempo gratuito no rádio e TV duas vezes ao dia para que não haja propaganda paga nesses meios. Tem mais tempo no HGPE o candidato afiliado ao partido que apresenta maior peso no âmbito eleitoral, ou seja, aquele que tem mais representantes na câmara dos deputados federais. Por este motivo:

Para aumentar suas chances, os partidos recorrem a diversas estratégias, entre elas as coligações partidárias. Boa parte dos acordos entre os partidos tenta garantir a governabilidade em caso de vitória, para formar uma frente única para enfrentar determinados adversários. Mas a conquista de tempo para a propaganda política na televisão e no rádio é o que tem se constituído como o fator de maior estímulo a estas coligações (TREIN, 2013, p. 8).

Essa disputa por tempo se dá por dois motivos: primeiro porque se sabe que a televisão é um veículo de comunicação de massa consumido fortemente pelo público e segundo porque se sabe que a exposição midiática de um candidato pode ser fator decisivo para uma eleição. Nas eleições municipais de São Luís em 2016 foram 5 coligações, envolvendo 33 partidos. O tempo de HGPE ficou dividido da seguinte forma:

Tabela 01: HGPE dos candidatos das eleições 2016

CANDIDATOS	COLIGAÇÃO	TEMPO DE HGPE
Edivaldo Holanda Júnior	Pra seguir em frente PDT, PTB, PRB, PSC, PR, DEM, PROS, PC do B, PTC, PSL, PEN e PT	00:03:39
Wellington do Curso	Por amor à São Luís PP, PHS, PSB e PSD	00:02:15
Eliziane Gama	São Luís de verdade PPS, PSDC, PSDB, PTN, PRTB, REDE, PT do B, SD e PV	00:01:55
Fábio Câmara	Coragem pra fazer PMDB e PRP	00:01:25
Valdeny Barros	São Luís, o caminho é pela esquerda PSOL e PCB	00:00:12
Eduardo Braide	PNM não coligado	00:00:10
Rose Sales	PMB não coligado	00:00:07
Claúdia Durans	PSTU não coligado	00:00:06
Zeluis Lago	PPL não coligado	00:00:06

Fonte: O Imparcial

Com as pesquisas de intenção de votos, foi observado que num primeiro instante a exposição repetitiva dos candidatos no HGPE modificou e intensificou a disputa, impulsionada pela mídia, entre Edivaldo Holanda Jr e Wellington do Curso. Tal polarização até fazia sentido levando em conta que os dois tinham os maiores tempos na propaganda eleitoral, por isso a supressa quando os eleitores colocaram no segundo turno um candidato com apenas dez segundos de TV sem destaque nenhum nas sondagens.

Nenhuma pesquisa de intenção de voto chegou a cogitar um segundo turno entre Edivaldo Holanda Jr e Eduardo Braide, pelo contrário, todas mostravam a competição acirrada entre o então prefeito e Wellington do Curso, alguns *blogs* chegaram até a afirmar a vitória do candidato a reeleição no primeiro turno. Mas, depois

do debate da *Mirante*, a resposta mais imediata que se teve do desempenho dos candidatos no evento foi o resultado final e oficial das urnas. Edivaldo Holanda Jr saiu vitorioso para o primeiro turno com folga e Eduardo Braide conferiu um lugar na disputa com quase 2% de diferença de Wellington do Curso, o que foi significativo pelas percentagens que ele alcançava nas pesquisas.

Os debates eleitorais televisionados dão aos candidatos uma visibilidade nua e crua de sua imagem, podendo gerir a eles pontos positivos ou negativos, pois é o momento em que os concorrentes se enfrentam cara a cara isentos de qualquer ajuda de terceiros. De acordo com Vasconcellos (2011, p. 13) “são acontecimentos com potencial de exercer influência direta sobre como os eleitores e a mídia percebem os candidatos, sobretudo suas habilidades e competências”. Nas eleições municipais de São Luís em 2016, isto ficou evidente à medida que quem parecia garantido caiu e à medida de que quem aparentava não ganhar deu uma reviravolta inimaginável.

Vasconcellos (2011) afirma que nos debates cada candidato um está exposto aos eleitores e mídia, sofrendo interferência de agentes (como mediador, adversários, imprevisibilidade) que podem influenciar no seu desempenho. Por isso, ao mesmo tempo que esses eventos podem servir para que um candidato se destaque nas eleições, podem ser extremamente perigosos, uma vez que os debatedores estão por si só, sem apoio de nenhum artifício de edição e texto pronto como nas propagandas eleitorais. Qualquer deslize tem possibilidade de colocar a perder tudo que foi conquistado ao longo da campanha. O autor classifica os candidatos em preferíveis e não-preferíveis, sendo preferíveis aqueles mais bem vistos na mídia ao longo da campanha e com melhores posições na pesquisa de intenção de voto, já os não preferíveis os que não têm nenhum destaque nas campanhas eleitorais. De acordo com ele, um candidato com menos visibilidade tem mais a ganhar com os debates do que aquele com maior destaque.

Para aqueles com poucas intenções de voto e que costumam chamar menos a atenção da imprensa e da opinião pública, participar dos debates traz um ganho imediato. Esses eventos possibilitam que esses candidatos, que classificamos como não-preferível, apareçam em horário nobre e ao lado dos competidores que despertam maior atenção da imprensa e da opinião pública. Num outro extremo, existem os candidatos preferíveis, isto é, que lideram as pesquisas de opinião. Para estes, os debates são uma oportunidade de reduzir as ambiguidades, tornar mais claras as diferenças de posicionamento com relação aos seus adversários diretos. Contudo, seus ganhos com a

visibilidade tendem a apresentar um peso distinto daqueles candidatos com menos chances de vitória. Como costumam chamar mais atenção do público e da mídia, tropeços numa resposta, afirmações sobre temas polêmicos, ou mesmo falhas na apresentação gestual e corporal apresentam maior probabilidade de se disseminar junto aos eleitores, além de poderem despertar uma cobertura negativa da imprensa. O grau de visibilidade que estes candidatos têm antes dos debates, portanto, reduz o peso dos seus ganhos nesse quesito, ao contrário do potencial das suas perdas (VASCONCELLOS, 2011, p. 5).

Os candidatos podem adotar vários tipos de discursos para persuadir seu eleitor, dentre eles estão suas propostas, apoios, partidos, ideologias, sua história política e/ou pessoal, a superação de vida, conquistas e ataques a seus concorrentes. Tendo em vista que esses discursos constroem a imagem política, eles podem acionar recursos que passem aos seus eleitores sinais de experiência e preparo. Esses recursos podem ser chamados de capitais⁶, isto é,

um estoque de elementos (ou ‘componentes’) que podem ser possuídos por um indivíduo, um casal, um estabelecimento, uma ‘comunidade’, um país, etc. Um capital é também uma forma de ‘segurança, especialmente do ponto de vista futuro, tem a característica de poder, em determinados casos, ser investido e acumulado de modo mais ou menos ilimitado (LEBARON, 2017, p. 101).

Panke (2012) atenta para o “discurso eleitoral de desqualificação”, em que “há uma tentativa de esvaziamento do discurso do outro”. Entretanto, esse discurso de desqualificação, quando feito por meio de acusações ou ataques, tem o risco de ficar desgastante em determinado ponto. Em debates pode levantar os ânimos de quem o assiste, mas seu uso excessivo e sem equilíbrio pode ser um “gerador de indecisão no eleitor, uma indecisão não desejável, uma vez que os recursos de informação nem sempre podem ser checados” (LOURENÇO, 2007, p. 131 apud TELLES; LOPES, 2013, p. 93).

A escolha depende, obviamente, do contexto eleitoral, mas quando se escolhe focar na desqualificação, pretende-se destruir ou, ao menos, abalar reputações tanto do próprio candidato, quanto das pessoas a que se vincula e, também, dos aspectos de mundo com que ele se relaciona e seria supostamente responsável pela condução (PANKE, 2012, p. 13).

⁶ A ideia de capitais vem, principalmente, do vasto campo de estudos desenvolvidos pelo sociólogo Pierre Bourdieu.

Panke (2012, p. 9) alerta que “candidatos que se ocupam mais em criticar do que apresentar suas propostas, muitas vezes, perdem os pleitos”. Essa afirmação terá fundamentos quando se analisar a postura que Wellington do Curso decidiu adotar nos debates e também em toda campanha.

Nesta parte será apresentado um breve recorte sobre a atuação individual dos três principais competidores, Edivaldo Holanda Jr, Wellington do Curso e Eduardo Braide, no debate da *TV Guará* e *TV Mirante*, que junto com o não acontecimento do debate da *TV Difusora*, foi crucial para conferir a Eduardo Braide uma vaga no segundo turno.

Debate Guará

A *TV Guará*, afiliada da *Record News*, é uma emissora nova se comparada com as outras de São Luís. Ela foi fundada em 21 de junho de 2011 pelo Grupo Dalcar, de propriedade do empresário Roberto Albuquerque, e seu sinal abrange toda a grande São Luís.

No dia 22 de setembro a emissora transmitiu o primeiro debate com os candidatos a prefeitura de São Luís, mediado pelo jornalista Américo Azevedo Neto. Ele foi dividido em cinco blocos. No primeiro os candidatos falaram sobre educação; no segundo, saúde; no terceiro, infraestrutura, mobilidade urbana e transporte; no quarto o tema foi livre e o quinto bloco foi destinado para direito de resposta (previamente concedido por um advogado especialista em direito eleitoral que estava presente no local) e considerações finais.

O fato curioso do debate foi a interferência do mediador Américo Azevedo Neto em relação a ausência de Edivaldo Holanda Júnior. O mediador explicou o motivo do então prefeito não se fazer presente, informando que a coordenação da campanha do candidato à reeleição, diante do convite, emitiu um comunicado dizendo que Edivaldo Holanda Jr só participaria dos tradicionais debates da *TV Difusora* e *TV Mirante*. A justificativa não pareceu agradar a emissora e nem ao mediador, que leu uma nota da *TV Guará* ao vivo, enquanto as câmeras focavam na bancada vazia com o nome do então prefeito⁷. Vale lembrar que em 2012, Edivaldo Holanda Jr entrou na justiça e teve o

⁷ O mediador enfatizou a palavra “tradicional” durante todo o evento após falar em nota que tradição tinha o prefeito ao fugir de todos os debates.

pedido deferido para que um debate promovido pela emissora fosse cancelado, sob alegação que as regras do evento não estavam de acordo com a legislação eleitoral e que a *TV Guará* favorecia o candidato à reeleição da época João Castelo.

Com a ausência de Edivaldo Holanda Jr, Wellington do Curso virou alvo principal de acusações dos seus adversários, principalmente de Eduardo Braide que não perdia a oportunidade de confrontá-lo. Todos os candidatos fizeram a primeira pergunta a ele, em exceção do quarto bloco, no qual foi sorteado para começar a rodada. Ele não se esquivava dos confrontos, mas aparentava desconforto, principalmente diante das queixas de Eduardo Braide que delatava que o candidato não tinha nenhuma lei aprovada como Deputado Estadual. Talvez, por este motivo, fez três de suas quatro perguntas para Rose Sales, uma adversária que não oferecia riscos de acordo com as sondagens.

Uma observação importante e também crucial para que Wellington do Curso não tenha sido o protagonista, é o fato de o candidato não ter se articulado bem. Ele demonstrou que não estava preparado para a discussão, hesitava em todas as suas falas e sempre extrapolava o tempo determinado, inclusive nas suas considerações finais e até chegando a não concluir perguntas. Sempre que possível atacava a gestão e o próprio Edivaldo Holanda Jr, falando de sua falta de coragem por ter faltado ao debate. Essa preocupação exagerada em querer desestabilizar a gestão vigente, fez com que o candidato não percebesse o perigo Eduardo Braide, que usava o discurso baseado na educação do próprio Wellington do Curso e o fato dele não ter leis aprovadas para gerar descredito na sua figura.

Eduardo Braide era um candidato sem grande evidência na ocorrida eleitoral, tinha pouco espaço no HGPE e não apresentava nenhuma ameaça aos seus adversários de acordo com as pesquisas de intenção de voto. Por este motivo, inicialmente, foi o último em todos os blocos (com exceção ao segundo da qual abriu a rodada) a ser perguntando pelos adversários – inicialmente porque a partir do momento em que seus concorrentes perceberam sua desenvoltura, podem ter usado essa tática para não o enfrentar, assim evitando fazer perguntas a ele. O candidato ostentou uma postura, principalmente no jeito de falar e o que falar, diferente de seus adversários. Usou uma estratégia que nenhum outro usou: na sua primeira oportunidade de participação no debate, quando foi perguntado pelo candidato Fábio Câmara, aproveitou alguns minutos do seu tempo de resposta para se apresentar aos telespectadores.

Ele aparentava ter certeza sobre as coisas que falava, usava dados e, o mais importante, sabia desestabilizar seus principais concorrentes. Na sua primeira pergunta, mesmo sendo ela obrigatória para Eliziane Gama, não deixou passar a oportunidade de provocar Wellington do Curso. E assim foi durante todo o debate. Questionava ao adversário sobre as leis aprovadas dele como Deputado Estadual, sempre fazendo o link com suas leis em vigor para deixar claro que existia um comparativo entre os dois, no qual ele se saía melhor. Também não escondia as suas revoltas e críticas à gestão Edivaldo Holanda Jr, dizendo que a campanha do prefeito se baseava numa São Luís que existia somente nas propagandas eleitorais.

Eduardo Braide ignorou todos seus outros adversários no que se diz respeito a confrontos diretos, mas colocando em questionamento o conhecimento deles sobre a situação de São Luís⁸. Adotou a estratégia de manchar a imagem da gestão Edivaldo Holanda Jr, acima de tudo, do seu concorrente que estava em segundo lugar nas pesquisas de intenção de voto. Essa foi mais uma diferença, pois enquanto Wellington do Curso atacava incansavelmente o candidato à reeleição que não estava lá para responder, Eduardo Braide o atacava diretamente, que por estar lá, tornou um clima interessante de hostilidade entre os dois.

Em todos os seus discursos, fazia uma retrospectiva do que já tinha feito em seus seis anos de mandato como Deputado Estadual, principalmente em função de São Luís. Enfatizou várias vezes seu período de gestão na Caema, lembrando suas ações. Apresentava propostas e soluções que pareciam práticas, de forma natural, sem hesitar e com um tom de voz persuasivo. Na maioria das vezes o telespectador podia ter até a impressão de que o candidato estava lendo. Outra observação importantíssima, é que Eduardo Braide administrou corretamente seu tempo de fala como se tivesse ensaiado. Foi o único candidato que extrapolou apenas uma vez seu tempo de resposta.

Assim, analisando o debate como um todo, três variantes foram cruciais para que Eduardo Braide fosse o destaque: a desenvoltura – ao administrar corretamente seu tempo e sempre apresentar propostas que pareciam tornar as dos seus concorrentes utópicas, além de se apropriar muitas vezes das próprias declarações de Wellington do Curso para se sobressair:

⁸ “Se você, e eu tenho certeza que você tem a preocupação e visita muita zona rural, você sabe que no Tajaçuba, lá na comunidade do Maracujá, enfim todas as regiões, principalmente da zona rural, sofrem com o número pequeno de linha de ônibus que vão praquela região”.

Candidato Wellington, você já assumiu que não consegue liberar recurso junto ao governo do Estado. Você se proclama, se autoproclama, se auto intitula, como candidato da educação. Seu slogan, inclusive, como deputado, é o deputado da educação. Eu não vou perguntar a você, se você liberou algum recurso para ajudar educação do nosso Estado ou município, porque você já disse que não consegue liberar. Então, o fato de você ser independente ao invés de ajudar eu estou vendo que atrapalha uma possível gestão sua na Prefeitura de São Luís, já que você não vai conseguir nem um centavo do Governo do Estado. E isso me preocupa enquanto cidadão (EDUARDO BRAIDE, 2016).

A oralidade – ao não hesitar e aparentar ter conhecimento no que falava – e estratégia – ao se tonar conhecido e intercalar seu discurso entre o que já havia feito, propostas e desqualificação de seus concorrentes. Assim, não ficou exaustivo ao telespectador os ataques que ele fazia.

Desestabilizar o principal concorrente, Wellington do Curso, foi outra artimanha, pois enquanto este parecia ter a certeza de que ganharia as eleições (“A partir de primeiro de janeiro São Luís terá um prefeito que tem atitude, que tem responsabilidade e que tem compromisso”), Eduardo Braide almejava conseguir ir para o segundo turno.

Contribuíram também para Eduardo Braide se destacar: a ausência do candidato à reeleição Edivaldo Holanda Jr (e toda aura criada em torno disso) e a ambiguidade e o aparente despreparo de Wellington do Curso.

Debate da TV Mirante

A *TV Mirante* um dos veículos do sistema mais consumido no Maranhão, sobretudo na capital. Segundo dados postados no site da Rede Globo, a *Mirante* “é o maior grupo de comunicação do Estado, com mais de 500 colaboradores diretos e indiretos e atuação no segmento de mídia eletrônica em televisão e internet, com a chegada do portal G1 Maranhão”. De acordo com esses mesmos dados, em 2012 a Rede Mirante de Televisão atingia 215 municípios e mais de cinco milhões de pessoas.

O debate da *TV Mirante* aconteceu no dia 29 de setembro, quem mediou o debate foi o jornalista enviado pela *TV Globo*, Tônico Ferreira – nesse dia, todas as afiliadas da Rede Globo transmitiram debates com candidatos à prefeitura das capitais do Brasil. O debate teve uma hora, trinta e três minutos e cinco segundos e foi dividido

em quatro blocos. No primeiro e no terceiro os temas foram definidos por sorteio e no segundo e quarto o tema era de livre escolha dos candidatos, sendo reservado no último bloco um tempo para as considerações finais.

Edivaldo Holanda Jr concorrendo à reeleição era, de um modo geral, um aspecto positivo, pois são poucos os candidatos recorrentes ao cargo que não conseguem ir para o segundo turno. Ficou quatro anos no poder, já era conhecido e poderia explicar livremente sobre as coisas que fez e poderia fazer, sem ter a necessidade de atacar alguém. E fora esse o discurso que o candidato à reeleição adotou em toda a sua campanha.

Durante o pleito, como o candidato nunca figurou fora da disputa do segundo turno, a campanha optou por não atacar diretamente os adversários. Dessa forma, os ataques ocorriam entre os outros candidatos, ambos buscando a segunda vaga da disputa. Esse aspecto fortaleceu a imagem “de bom moço” cultivada pelo candidato (AQUINO, 2017, 83-84).

Ao longo de todo debate, Edivaldo Holanda Jr se preocupou apenas em dizer o que fez em sua gestão, não apresentou novas propostas, mas falava em dar continuidade ao seu trabalho. Como em sua campanha, não foi para provocar ninguém, mas era natural que como candidato à reeleição sofresse críticas de seus adversários, sendo obrigado a participar das discussões (não ficaria bem que ele fugisse de todas as acusações num confronto cara a cara). Foi o candidato escolhido para responder todas as primeiras perguntas, com exceção do bloco em que começou a perguntar.

Uma observação importante, é que ele fez todas as suas perguntas para Eduardo Braide, talvez no mesmo sentindo de Wellington do Curso ter feito a maioria de suas perguntas no Debate Guará à Rose Sales, para fugir de seus principais concorrentes. O que ele não esperava, é que nessa jogada “estabelecia uma disputa inusitada e inimaginável com Eduardo Braide” (AQUINO, 2017, p. 86).

Wellington do Curso parecia mais preparado dessa vez, apesar de ainda ficar alheio e hesitante em alguns momentos. Continuou a cometer o erro de “elogiar” seus adversários e atacar incansavelmente a gestão do adversário que estava concorrendo à reeleição. Entretanto, com a presença de Edivaldo Holanda Jr, os outros adversários não deram atenção a ele como fizeram no debate da *TV Guará*, nem mesmo Eduardo Braide que anteriormente havia concentrado seus ataques nele.

O candidato estava tão determinado em atacar o prefeito que em quase todas as suas falas criticava a gestão de Edivaldo Holanda Jr, chegando até querer perguntar à ele num momento em que não podia pelas regras do debate. Wellington do Curso achou que confrontar o candidato à reeleição era a forma mais fácil de ir ao segundo turno, mas acabou esquecendo que seu adversário principal não era ele e sim os outros, uma vez que o candidato tinha muitas chances de já ter uma vaga garantida no segundo turno. A desqualificação do concorrente foi o único discurso adotado por Wellington do Curso, tudo girava em torno de desmoralizar Edivaldo Holanda Jr. Ele não usava o tempo, por exemplo, para construir a imagem de alguém que tinha pulso para derrotar a atual gestão da qual ele considerava ruim e pulso para resolver os problemas dela.

Essa série de erros poderia ter sido corrigida, pois Wellington do Curso e seus coordenadores de campanha tiveram tempo para traçar uma estratégia em que o candidato usasse o tempo para confrontar o prefeito, mas também explanar suas propostas, acionando seus capitais quando necessário. Mas a insistência nos ataques, o desatento às regras do debate, a oralidade ruim e a hesitação, bem diferentes dos seus programas eleitorais (onde mesmo lá seus movimentos ainda pareciam ensaiados), acabaram sendo utilizados “à exaustão por seus adversários, que buscaram demonstrar o despreparo do candidato, apontando contradições entre propostas e ações do candidato” (AQUINO, 2017, p. 89).

No primeiro debate Eduardo Braide quis se tornar conhecido para os eleitores, mostrando quem era e sua trajetória política que, de acordo como elencava, beneficiou, principalmente, São Luís. No segundo, ele adotou uma estratégia mais ostensiva, garantindo que poderia governar a capital do Maranhão de forma diferente e prática.

Nos dois debates ficou clara a construção de um político bom, independente e diferente que Eduardo Braide se propôs a fazer. Apresentava uma boa oralidade, dicção e sabia inverter as coisas, aparentava ter certeza sobre o que falava, demonstrando que ia atrás de comprovar antes de expor, que ouvia e visitava as pessoas e que estava a par de todas as situações de São Luís. O candidato tinha a capacidade de contornar situações, de saber explicar e acusar, pautado sempre pelas regras do jogo político.

Nesse caso, quanto maior a experiência político eleitoral do candidato, maior é a sua chance de controlar os erros. Em outras palavras, a agenda do debate importa porque pode exigir mais dos candidatos, e respondem melhor a essa exigência aqueles acostumados com esses eventos de campanha (VASCONCELLOS, 2011, p. 7).

Eduardo Braide entendia que seu adversário principal não era Edivaldo Holanda Jr e sim os outros que também visavam uma vaga no segundo turno, mas em quase todos os blocos o candidato à reeleição o escolheu para debates diretos, o que acabou propiciando a ele atacar diretamente Edivaldo Holanda Jr sem comprometer-se de ter que ignorar a participação dos outros concorrentes. Em seus confrontos sempre usava a ironia e a agressão, porém essa postura ostensiva, diferente dos outros candidatos que focaram na desqualificação, era intercalada com outros tipos de discurso, como o que ele fez e o que faria, que eram utilizados exatamente na hora certa.

O prefeito girou todos os holofotes para Eduardo Braide o escolhendo em todos os blocos para debater, dando espaço e motivos para ele conseguir se destacar. Esse foi um erro incalculável, pois se assim Edivaldo Holanda Jr achava que estava fugindo de seus adversários principais ou evitando enfrentar um segundo turno com Wellington do Curso, onde por algum motivo achou que poderia perder, acabou criando um inimigo novo e mais competitivo⁹. Esse confronto dera ao eleitor uma mostra do que seria uma disputa entre os dois no segundo turno. Isso acabou, decisivamente, ofuscando os outros candidatos, tornando-os coadjuvantes no debate (e garantindo que Eduardo Braide se sobressaísse diante todos eles).

CONCLUSÃO

Eduardo Braide tinha noção de que seu pouco tempo no HGPE não lhe era favorável e que se dependesse apenas dele não conseguiria ir para o segundo turno ou se tornar uma pessoa conhecida, capaz ao menos de destacar seu nome no cenário municipal. Por isso sabia que era da suma importância sua participação nos debates, tanto que entrou na justiça para ter o direito de participar do debate da *TV Difusora*. Tanto no Debate Guará, como no da *Mirante*, enfatizou várias vezes a importância do evento como lugar de se conhecer a realidade, usando-o para comparar e contestar o que era dito lá e nos programas eleitorais de seus adversários. Edivaldo Holanda Jr foi o alvo principal em relação a essa estratégia, o que ficava bem claro quando Eduardo

⁹ O prefeito foi para o segundo turno com folga, mas ganhou as eleições com uma diferença consideravelmente pequena à Eduardo Braide em relação ao primeiro turno (Edivaldo Holanda Jr 53,94%; Eduardo Braide 46,06%).

Braide usava termos “o governo da televisão” e “planeta Edivaldo” para insinuar que a São Luís da qual o prefeito se referia no HGPE não existia.

A ida de Eduardo Braide ao segundo turno se relaciona também a outros acontecimentos: a falta de Edivaldo Holanda Jr no primeiro debate e a repercussão gerada, o desempenho abaixo do esperado de Wellington do Curso nos embates e os escândalos o envolvendo, a inibição de Eliziane Gama, o cancelamento do debate na *TV Difusora*. Eduardo Braide,

via seu nome ganhar projeção por conta da repercussão de seu desempenho em entrevistas, debates e sabatinas. Soma-se a isso uma série de postagens em blogs e jornais que o colocavam em ascensão - isso se devia sobretudo ao objetivo de enfraquecer as outras candidaturas vistas como mais fortes e ameaçadoras pelos apoiadores do candidato à reeleição (AQUINO, 2017, p. 86).

Se acrescenta ainda a boa oratória do candidato, o conhecimento de seus adversários e agenda de campanha, a hora exata de acionar os recursos e a alternância entre os discursos.

É interessante ressaltar que o último debate foi a cartada final de Eduardo Braide. E existiram algumas diferenças consideradas importantes, do ponto de vista desta análise, entre os debates da *TV Guará* e da *TV Mirante*. O primeiro, parte da estrutura do evento: todos os debatedores convidados estavam presentes, o que proporcionou uma discussão mais ampla entre eles, o mediador também tentou se isentar ao máximo dos confrontos, assim toda a atenção dos eleitores se voltou aos candidatos; o segundo, é que a *TV Mirante* atinge um número maior de telespectadores, além de que o debate também estava sendo transmitido ao vivo pela *Rádio Mirante* e na internet, pelo site do *GI* e *Imirante.com*; o terceiro, é que um interprete de Libras traduzia tudo que era dito no canto inferior esquerdo da tela, proporcionando assim que todos os tipos de públicos fossem contemplados com o conteúdo.

Aquino (2017, p. 85-86) afirma que “é inegável concluir que grande parte dos votos conquistados pelo candidato representava sobretudo um não-voto aos demais concorrentes”. Esses votos a Eduardo Braide foram reforçados pelos *blogs* políticos, que também tiveram participação notável nessas eleições. Nota-se que, assim como os palanques do comício e campanhas de ruas cederam lugar para a televisão, a internet está configurando um novo jeito de se fazer política, sobretudo nos pleitos eleitorais.

Porém, este é um assunto que merece ser estudado com mais calma em trabalhos posteriores.

Ao final, o resultado do primeiro turno acabou surpreendendo a todos: os institutos de sondagens (que não divulgaram nenhuma pesquisa de intenção de votos onde Edivaldo Holanda Jr e Eduardo Braide se enfrentassem diretamente – nem nas pesquisas feitas em boca de urna), a imprensa, os eleitores, a classe política e, provavelmente, até o próprio Eduardo Braide, que talvez imaginasse apenas estar preparando o terreno para eleições futuras.

REFERÊNCIAS

AQUINO, Filipe. A Conquista do Voto: Temas e Narrativas na Disputa Eleitoral em São Luís. In: **Eleições 2016: análise do HGPE em capitais brasileiras**. Aryovaldo Azevedo; Fernando E. Castro e Luciana Panke (Orgs.) 1. ed. Syntagma, 2017. v. 1. 248p.

ARAGÃO, Elthon Ranyere Oliveira. **Do palanque para a televisão**: a utilização dos meios de comunicação em uma eleição municipal no Maranhão. Trabalho apresentado no NP 03 – Publicidade, Propaganda e Marketing, do V Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom– Campina Grande – PB, 2010.

LEBARON, Frédéric. Capital. In: **Vocabulário Bourdieu**. Afrânio Mendes Catani; Maria Alice Nogueira; Ana Paula Hey e Cristina de Medeiros (Orgs.) 1. ed. Autêntica Editora, 2017.

PANKE, Luciana. **Categorias de desqualificação na propaganda eleitoral**. Em Debate, Belo Horizonte, v. 4, n. 6, p. 7-14, set. 2012.

TELLES, Helcimara; LOPES, Nayla. Passado ou futuro? O duelo entre as realizações e propostas de Marcio Lacerda e Patrus Ananias na disputa pela prefeitura de Belo Horizonte em 2012. In: PANKE, Luciana; CERVI, Emerson (org.). **Eleições nas capitais brasileiras em 2012**: estudos sobre o HGPE em eleições municipais. Curitiba, UFPR, 2013 (e-book).

TREIN, Sérgio Roberto. A disputa política em Porto Alegre: a eleição que o povo rejeitou. In: PANKE, Luciana; CERVI, Emerson (org.). **Eleições nas capitais brasileiras em 2012**: estudos sobre o HGPE em eleições municipais. Curitiba, UFPR, 2013 (e-book).

VASCONCELLOS, F.S. Como os debates na TV ajudaram Dilma Rousseff a vencer a eleição presidencial de 2010?. In: **35º Congresso Anual da Anpocs, 2011**, Caxambu. 35º Congresso Anual da Anpocs. São Paulo: Anpocs, 2011. v. 1. p. 181-181.